

LIÇÃO 21 - Os significados de "Vir de Algo", Parte, Todo e Mutilado

TEXTO DE ARISTÓTELES — Capítulos 24-27: 1023a 26-1024a 28

“ 514. *Vir de algo (esse ou fieri ex aliquo) significa, num sentido, vir de algo como de matéria, e isso de dois modos: ou em referência ao primeiro gênero ou à espécie última; por exemplo, todas as coisas liquefazíveis vêm da água, e uma estátua vem do bronze. E noutro sentido significa vir de uma coisa como de um primeiro princípio movente; por exemplo: De que veio a briga? De uma provocação; porque isso foi a causa da briga. Noutro sentido significa vir do composto de matéria e forma, como as partes vêm de um todo, e um verso da Ilíada, e pedras de uma casa. Pois a forma é um fim ou objetivo, e o que está de posse de seu fim é completo. E uma coisa vem de outra no sentido de que uma espécie vem de uma parte de uma espécie, e o homem vem de bípede, e uma sílaba de um elemento. Pois isso é diferente do modo como uma estátua vem do bronze, porque a substância composta vem da matéria sensível, mas uma espécie vem também da matéria de uma espécie. Esses são, então, os sentidos nos quais algumas coisas são ditas vir de algo. Mas outras coisas são ditas vir de algo se vêm de uma parte daquela coisa em qualquer um dos sentidos acima mencionados. Por exemplo, uma criança vem de seu pai e de sua mãe, e as plantas vêm da terra, porque vêm de uma parte deles. E algumas coisas vêm de outras apenas porque vêm uma depois da outra no tempo, como a noite vem do dia, e a tempestade da bonança. E algumas dessas são assim descritas apenas porque admitem mudança umas nas outras, como nos casos recém-mencionados. E algumas apenas porque se seguem umas às outras no tempo, como uma viagem é feita a partir do equinócio porque ocorre depois do equinócio. E as festas vêm umas das outras desse modo, como a Targélia da Dionísia, porque vem depois da Dionísia.*

Capítulo 25

515. *Parte significa, num sentido, aquilo em que uma quantidade é dividida de qualquer modo; pois o que é subtraído de uma quantidade é sempre chamado*

de parte dela. Por exemplo, o número dois é dito, em certo sentido, ser uma parte do número três. E noutro sentido, parte significa apenas tais coisas que medem um todo. E por essa razão o número dois é dito, num sentido, ser uma parte do número três, e noutro, não. Além disso, aquelas coisas em que uma espécie é dividida independentemente da quantidade também são chamadas de partes dessa espécie; e é por essa razão que as espécies são ditas partes de um gênero. Além disso, partes significam aquelas coisas em que um todo é dividido ou das quais um todo é composto, quer o todo seja uma espécie, quer a coisa que tem a espécie, como o bronze é uma parte de uma esfera de bronze ou de um cubo de bronze (pois esta é a matéria na qual a forma inere). Um ângulo também é uma parte. E aqueles elementos contidos na expressão inteligível, que manifesta o que cada coisa é, também são partes de um todo. E por essa razão o gênero também é chamado de parte da espécie, embora noutro aspecto a espécie seja chamada de parte do gênero.

Capítulo 26

516. *Todo significa aquilo do qual não falta nenhuma das coisas de que se diz consistir por natureza; e aquilo que contém as coisas contidas de modo tal que formam uma só coisa.*

517. *Mas isso ocorre de dois modos: ou na medida em que cada uma é a coisa em questão, ou na medida em que uma coisa é constituída delas.*

518. *Pois um todo é um universal, ou o que é predicado em geral como sendo alguma coisa una, como um universal é uno, no sentido de que contém muitas coisas porque é predicado de cada uma, e todas elas, tomadas singularmente, são aquela coisa una, como homem, cavalo e Deus, porque todos são viventes.*

519. *Um todo é algo contínuo e limitado quando uma coisa é constituída de muitas partes que estão presentes nele, particularmente quando estão presentes potencialmente; mas, se não, mesmo quando estão presentes em atividade.*

520. *E dessas mesmas coisas, as que são todos por natureza o são em maior grau do que as que são todos por arte, como também dizemos de uma coisa que é una (424:C 848), na medida em que a totalidade é uma espécie de unidade.*

521. *Além disso, como uma quantidade tem um começo, um ponto médio e um fim, aquelas quantidades para as quais a posição não faz diferença designamos pelo termo todo; mas aquelas para as quais a posição faz diferença designamos pelo termo todo; e aquelas às quais ambas as descrições se aplicam designamos por ambos os termos — todo e o todo inteiro. Ora, essas são as coisas cuja natureza permanece a mesma quando rearranjadas, mas cuja forma não permanece, como a cera e uma vestimenta; pois tanto todo quanto o todo*

inteiro são predicados delas, uma vez que verificam ambos. Mas a água e todas as coisas úmidas e o número têm todo aplicado a eles, embora a água e o número sejam chamados de todos apenas em sentido metafórico. Mas aquelas coisas das quais o termo cada é predicado com referência a um, têm o termo todos predicado delas com referência a vários; por exemplo, todo este número, todas estas unidades.

Capítulo 27

522. Não é qualquer quantidade que é dita mutilada, mas deve ser um todo e também divisível. Pois duas coisas não são mutiladas quando uma é retirada da outra, porque a parte mutilada nunca é igual ao resto. E, em geral, nenhum número é mutilado, pois sua substância deve permanecer. Se um cálice é mutilado, deve continuar sendo um cálice; mas um número não é o mesmo quando uma parte é retirada. Além disso, nem todas as coisas compostas de partes dessemelhantes são ditas mutiladas. Pois um número é como algo que tem partes dessemelhantes, como dois e três. E, em geral, aquelas coisas para as quais a posição não faz diferença, como a água e o fogo, não são mutiladas; mas devem ter posição em sua substância. E devem ser contínuas; pois uma harmonia é composta de partes dessemelhantes e tem posição, mas não é mutilada.

523. Além disso, nem todo todo é mutilado pela privação de toda parte. Pois as partes que são removidas não devem ser coisas que são próprias da substância, ou coisas que existam em qualquer lugar; por exemplo, um cálice não é mutilado se um buraco é feito nele, mas apenas se uma asa ou algum extremo é removido; e um homem não é mutilado se sua carne ou baço é removido, mas apenas se um extremo é removido. E isso não significa qualquer extremo, mas aqueles que, quando removidos do todo, não podem se regenerar. Por isso, ter a cabeça raspada não é uma mutilação.

COMENTÁRIO

Parte

1085. Aqui ele começa a tratar das coisas que pertencem à noção de todo e de parte. Primeiro, trata daquelas que pertencem à noção de parte; e segundo (1098), daquelas que pertencem à noção de todo ("Todo significa").

E como um todo é constituído de partes, ele faz portanto duas coisas ao tratar do primeiro membro desta divisão. Primeiro, explica os vários modos pelos quais uma coisa é dita vir de algo; e segundo (1093), considera os diferentes sentidos em que o termo *parte* é usado ("Parte significa").

Quanto ao primeiro, faz três coisas. Primeiro, considera os modos pelos quais uma coisa é dita vir de algo no sentido primário e próprio. Segundo (1090), indica os modos pelos quais uma coisa vem

de outra, mas não no sentido primário ("Mas outras coisas"). Terceiro (1091), considera os modos pelos quais uma coisa vem de outra, mas não no sentido próprio ("E algumas coisas"). Ao tratar da primeira parte, apresenta quatro modos pelos quais uma coisa é dita vir de algo:

Primeiro, uma coisa é dita vir de algo como de matéria, e isso pode ocorrer de dois modos: (a) De um modo, na medida em que a matéria é tomada como "a matéria do primeiro gênero", isto é, a matéria comum; como a água é a matéria de todos os líquidos e liquefazíveis, todos os quais são ditos vir da água. (b) De outro modo, "em referência à espécie última", isto é, à espécie ínfima; como a espécie estátua é dita vir do bronze.

1086. De um segundo modo, uma coisa é dita vir de algo como "de um primeiro princípio movente", como uma briga vem de uma provocação, que é o princípio que move a alma da pessoa provocada a brigar. E é desse modo também que uma casa é dita vir de um construtor, e a saúde, da arte médica.

1087. De um terceiro modo, uma coisa é dita vir de outra como algo simples "vem do composto de matéria e forma". Isso pertence ao processo de dissolução; e é desse modo que dizemos que as partes vêm de um todo, "e um verso da *Ilíada*" (isto é, do tratado inteiro de Homero sobre Troia); pois a *Ilíada* é dividida em versos como um todo é dividido em partes. E é do mesmo modo que as pedras são ditas vir de uma casa. A razão disso é que a forma é o objetivo ou fim no processo de geração; pois é o que alcançou seu fim que é dito ser perfeito ou completo, como foi explicado acima (500:C 1039). Por isso é evidente que é perfeito o que tem forma. Portanto, quando um todo perfeito é decomposto em suas partes, há movimento, em certo sentido, da forma para a matéria; e, de modo semelhante, quando as partes são combinadas, há um movimento oposto, da matéria para a forma. Por isso a preposição *de*, que designa um começo, se aplica a ambos os processos: tanto ao processo de composição, porque significa um princípio material, quanto ao de dissolução, porque significa um princípio formal.

1088. De um quarto modo, uma coisa é dita vir de algo como "uma espécie vem de uma parte de uma espécie". E *parte de uma espécie* pode ser tomada de dois modos: ou em referência à ordem conceitual, ou à ordem real. (a) É tomada em referência à ordem conceitual quando dizemos, por exemplo, que *bípede* é uma parte do homem; porque, embora seja parte de sua definição, não é uma parte real; de outro modo, não seria predicada do todo. Pois é próprio de todo homem ter dois pés. (b) E é tomada em referência à ordem real quando dizemos, por exemplo, que "uma sílaba vem de um elemento", ou letra, como de uma parte da espécie. Mas aqui o quarto modo em que o termo é usado difere do primeiro; pois no primeiro modo uma coisa era dita vir de uma parte da matéria, como uma estátua vem do bronze. Pois essa substância, uma estátua, é composta de matéria sensível como parte de sua substância. Mas essa espécie é composta de parte da espécie.

1089. Pois algumas partes são partes da espécie e algumas são partes da matéria. Aquelas que são chamadas partes da espécie são aquelas das quais depende a perfeição da espécie e sem as quais ela não pode ser uma espécie. E é por essa razão que tais partes são postas na definição do todo, como o corpo e a alma são postos na definição de um animal, e um ângulo na definição de um triângulo, e uma letra na definição de uma sílaba. E aquelas partes que são chamadas partes da matéria são aquelas das quais a espécie não depende, mas são, em certo sentido, acidentais à espécie; por exemplo, é acidental a uma estátua que venha do bronze ou de qualquer matéria

particular. E também é accidental que um círculo seja dividido em dois semicírculos; e que um ângulo reto tenha um ângulo agudo como parte. Partes desse tipo, então, não são postas na definição do todo, mas antes o contrário, como será mostrado no Livro VII desta obra (1542). Por isso fica claro que desse modo algumas coisas são ditas vir de outras no sentido primário e próprio.

1090. Mas algumas coisas são ditas vir de algo não no sentido primário, mas (+) segundo uma parte daquela coisa em "qualquer um dos sentidos acima mencionados". Por exemplo, uma criança é dita vir de seu pai como princípio eficiente, e de sua mãe como matéria; porque uma certa parte do pai causa o movimento, isto é, o sêmen, e uma certa parte da mãe tem o caráter de matéria, isto é, o fluido menstrual. E as plantas vêm da terra, embora não de toda ela, mas de alguma parte.

1091. E de outro modo uma coisa é dita vir de algo em sentido impróprio, a saber, do fato de que isso implica ordem ou sucessão apenas; e desse modo uma coisa é dita vir de outra no sentido de que vem depois dela, como "a noite vem do dia", isto é, depois do dia, "e a tempestade da bonança", isto é, depois da bonança. E isso é dito em referência a duas coisas. Pois nos casos em que uma coisa é dita vir de outra, a ordem às vezes é notada em referência ao movimento e não meramente ao tempo; porque ou são os dois extremos do mesmo movimento, como quando se diz que o branco vem do negro, ou são um resultado de extremos diferentes do movimento, como a noite e o dia são um resultado de diferentes localizações do sol. E o mesmo se aplica ao inverno e ao verão. Por isso, em alguns casos, uma coisa é dita vir de outra porque uma é mudada na outra, como fica claro nos exemplos acima.

1092. Mas às vezes a ordem ou sucessão é considerada em referência ao tempo apenas; por exemplo, diz-se que "uma viagem é feita a partir do equinócio", isto é, depois do equinócio. Pois esses dois extremos não são extremos de um único movimento, mas pertencem a movimentos diferentes. E de modo semelhante diz-se que a festa Targélia [de Apolo e Ártemis] vem da Dionísia porque vem depois da Dionísia, sendo essas duas festas que eram celebradas entre os gentios, uma das quais precedia a outra no tempo.

1093. "Parte" significa (515).

Ele agora apresenta quatro sentidos nos quais algo é dito ser uma parte:

Num sentido, *parte* significa aquilo em que uma coisa é dividida do ponto de vista da quantidade; e isso pode ser tomado de dois modos. (a) Pois, de um modo, não importa quão menor seja a quantidade em que uma quantidade maior é dividida, ela é chamada de parte dessa quantidade. Pois qualquer coisa que é retirada de uma quantidade é sempre chamada de parte dela; por exemplo, o número dois é, em certo sentido, uma parte do número três. (b) E, de outro modo, apenas uma quantidade menor que mede uma maior é chamada de parte. Nesse sentido, o número dois não é uma parte do número três, mas uma parte do número quatro, porque duas vezes dois é igual a quatro.

1094. Num segundo sentido, *partes* significam aquelas coisas em que algo é dividido independentemente da quantidade; e é nesse sentido que as espécies são ditas partes de um gênero. Pois um gênero é dividido em espécies, mas não como uma quantidade é dividida em

partes quantitativas. Pois uma quantidade inteira não está em cada uma de suas partes, mas um gênero está em cada uma de suas espécies.

1095. Num terceiro sentido, *partes* significam aquelas coisas em que algum todo é dividido ou das quais é composto, quer o todo seja uma espécie, quer a coisa que tem uma espécie, isto é, o indivíduo. Pois, como já foi apontado (1089), há partes da espécie e partes da matéria, e estas (espécie e matéria) são partes do indivíduo. Por isso o bronze é uma parte de uma esfera de bronze ou de um cubo de bronze como a matéria na qual a forma é recebida, e assim o bronze não é uma parte da forma, mas da coisa que tem a forma. E um cubo é um corpo composto de superfícies quadradas. E um ângulo é parte de um triângulo como parte de sua forma, como foi dito acima (1099).

1096. Num quarto sentido, *partes* significam aquelas coisas que são postas na definição de qualquer coisa, e essas são partes de sua estrutura inteligível; por exemplo, *animal* e *bípede* são partes do homem.

1097. Disso fica claro que um gênero é parte de uma espécie nesse quarto sentido, mas que uma espécie é parte de um gênero num sentido diferente, isto é, no segundo sentido. Pois no segundo sentido uma parte era tomada como uma parte subjetiva de um todo universal, enquanto nos outros três sentidos era tomada como uma parte integral. E no primeiro sentido era tomada como uma parte da quantidade; e nos outros dois sentidos como uma parte da substância; porém de tal modo que uma parte no terceiro sentido significa uma parte de uma coisa, quer seja uma parte da espécie, quer do indivíduo. Mas no quarto sentido é uma parte da estrutura inteligível.

Todo

1098. "Todo" significa (516).

Ele procede a tratar das coisas que pertencem a um todo. Primeiro, considera um todo de modo geral; e segundo (1119), trata de um tipo particular de todo, a saber, um gênero.

Quanto à primeira parte, faz duas coisas. Primeiro, procede a tratar do termo *todo*; e segundo (1109), do seu oposto, *mitigado*.

Quanto ao primeiro, faz três coisas. Primeiro, enuncia o significado comum de *todo*, que envolve duas coisas. (1) A primeira é que a perfeição de um todo é derivada de suas partes. Ele indica isso quando diz que "um todo significa aquilo do qual nenhuma das coisas", isto é, das partes, "de que se diz consistir por natureza", isto é, das quais o todo é composto segundo sua própria natureza, "está faltando". (2) A segunda é que as partes se tornam uma no todo. Assim, ele diz que um todo é "aquilo que contém as coisas contidas", a saber, as partes, de modo tal que as coisas contidas no todo são alguma coisa uma.

1099. Mas isso ocorre (517).

Segundo, ele nota dois modos pelos quais uma coisa é um todo. Diz que uma coisa é dita ser um todo de dois modos: (1) ou no sentido de que cada uma das coisas contidas pelo todo que contém é "a coisa em questão", isto é, o todo que contém, que está no todo universal que é predicado de

qualquer uma de suas próprias partes; ou (2) no sentido de que é uma coisa composta de partes de tal modo que nenhuma das partes é essa coisa. Essa é a noção de um todo integral, que não é predicado de nenhuma de suas próprias partes integrais.

1100. Pois um todo (518).

Terceiro, ele explica os sentidos acima mencionados de *todo*. Primeiro, explica o primeiro sentido. Diz que um todo é um universal "ou o que é predicado em geral", isto é, um predicado comum, como sendo alguma coisa una como um universal é uno, no sentido de que é predicado de cada indivíduo assim como o universal, que contém muitas partes, é predicado de cada uma de suas partes. E todas estas são unas num todo universal de tal modo que cada uma delas é esse todo uno; por exemplo, *vivente* contém homem, cavalo e Deus, porque "todos são viventes", isto é, porque *vivente* é predicado de cada um. Por Deus ele entende aqui um corpo celeste, como o sol ou a lua, que os antigos diziam ser corpos vivos e consideravam deuses; ou entende certos seres vivos etéreos, que os platônicos chamavam de demônios, e que eram adorados pelos pagãos como deuses.

1101. Um todo é algo (519).

Segundo, ele explica o significado de *todo* no sentido de todo integral; e a esse respeito faz duas coisas. Primeiro, apresenta o significado comum desse tipo de todo, e particularmente daquele que é dividido em partes quantitativas, que nos é mais evidente. Ele diz que um todo é algo "contínuo e limitado", isto é, perfeito ou completo (pois o que é ilimitado não tem o caráter de todo, mas de parte, como se diz no Livro III da *Física*, quando uma coisa é composta de muitas partes que estão presentes nele. Ele diz isso para excluir o sentido em que uma coisa vem de outra como de um contrário.

1102. Ora, as partes das quais um todo é composto podem estar presentes nele de dois modos: de um modo, potencialmente; de outro, atualmente. As partes estão potencialmente presentes num todo que é contínuo, e atualmente presentes num todo que não é contínuo, como as pedras estão atualmente presentes num monte. Mas o que é contínuo é uno em maior grau e, portanto, é todo em maior grau do que o que não é contínuo. Por isso ele diz que as partes devem estar presentes num todo, especialmente as partes potenciais, como estão num todo contínuo; e se não potencialmente, então ao menos "em atividade", ou atualmente. Pois "atividade" significa ação interior.

1003. Ora, embora uma coisa seja um todo em maior grau quando suas partes estão presentes potencialmente do que quando estão presentes atualmente, não obstante, se olharmos para as partes, elas são partes em maior grau quando existem atualmente do que quando existem potencialmente. Por isso outro texto diz: "especialmente quando estão presentes perfeita e atualmente; mas, de outro modo, mesmo quando estão presentes potencialmente." E também acrescenta as palavras dadas acima: "particularmente quando estão presentes potencialmente; mas, se não, mesmo quando estão presentes em atividade." Por isso parece que o tradutor encontrou dois textos, que traduziu, e depois cometeu o erro de combinar ambos de modo a fazer um único texto. Isso fica claro a partir de outra tradução, que contém apenas uma dessas afirmações; pois ela diz o seguinte: "E um todo é contínuo e limitado quando alguma coisa una é

composta de muitas partes intrínsecas, especialmente quando estão presentes potencialmente; mas, se não, quando estão presentes atualmente."

1104. E dessas mesmas coisas (520).

Segundo, ele indica duas diferenças dentro desse segundo sentido de *todo*. A primeira é que algumas coisas contínuas o são por arte e algumas por natureza. As que são contínuas por natureza são "tais", isto é, todos, em maior grau do que as que o são por arte. E como falamos do mesmo modo acima (848) a respeito das coisas que são unas, dizendo que as coisas contínuas por natureza são unas em maior grau, como se a totalidade fosse unidade, fica claro disso que qualquer coisa que é una em maior grau é um todo em maior grau.

1105. Além disso, como uma quantidade (521).

Ele apresenta a segunda diferença. Pois, como é verdade que há uma ordem das partes na quantidade, porque uma quantidade tem um começo, um ponto médio e um fim, e a noção de posição envolve estas coisas, as posições das partes em todas essas quantidades devem ser contínuas. Mas, se considerarmos a posição das partes, um todo se encontra contínuo de três modos. (1) Pois há alguns todos que não são afetados por uma diferença de posição em suas partes. Isso é evidente no caso da água, pois não faz diferença como as partes da água são intercambiadas. O mesmo é verdadeiro de outros líquidos, como o óleo e o vinho e similares. E nessas coisas um todo é significado pelo termo *todo* e não pelo termo *o todo inteiro*. Pois dizemos toda a água ou todo o vinho ou todos os números, mas não o todo *inteiro*, exceto metaforicamente. Isso talvez se aplique ao idioma grego, mas para nós é um modo próprio de falar.

1106. (2) E há algumas coisas para as quais a posição das partes faz diferença, por exemplo, um homem e qualquer animal e uma casa e similares. Pois uma coisa não é uma casa se suas partes estão dispostas de qualquer modo, mas apenas se têm uma disposição definida; e destas usamos o termo *o todo inteiro* e não *todo*. E de modo semelhante, uma coisa não é um homem ou um animal se suas partes estão dispostas de qualquer modo. Pois quando falamos de apenas um animal, dizemos o animal inteiro e não todo o animal.

1107. (3) E há algumas coisas às quais ambos se aplicam, porque, em certo sentido, a posição de suas partes responde por suas diferenças; e destas usamos ambos os termos — *todo* e *o todo inteiro*. E essas são as coisas nas quais, quando as partes são intercambiadas, a matéria permanece a mesma, mas não a forma ou a figura. Isso fica claro, por exemplo, no caso da cera; pois não importa como suas partes sejam intercambiadas, a cera ainda permanece, mas não tem a mesma figura. O mesmo é verdadeiro de uma vestimenta e de todas as coisas que têm partes semelhantes e assumem uma figura diferente. Pois mesmo que os líquidos tenham partes semelhantes, não podem ter uma figura própria, porque não são limitados por seus próprios limites, mas pelos de outras coisas. Por isso, quando suas partes são intercambiadas, nenhuma mudança ocorre em algo que lhes é próprio.

1108. A razão dessa diferença é que o termo *todo* é distributivo e, portanto, requer uma multidão atual, ou uma em potência próxima de agir; e porque aquelas coisas têm partes semelhantes, são divididas em partes inteiramente similares ao todo, e desse modo ocorre a multiplicação do todo.

Pois se toda parte da água é água, então em cada parte da água há muitas águas, embora estejam presentes potencialmente, assim como num número há muitas unidades atualmente. Mas o *todo inteiro* significa uma coleção de partes numa coisa una; e, portanto, naqueles casos em que o termo *o todo inteiro* é usado propriamente, uma coisa completa é feita de todas as partes tomadas em conjunto, e a perfeição do todo pertence a nenhuma das partes. Uma casa e um animal são exemplos disso. Por isso, "cada animal" não é dito de um só animal, mas de muitos.

Portanto, no fim dessa parte de sua discussão, ele diz que aqueles todos dos quais o termo *cada* é usado, como é feito de uma coisa quando se faz referência a um todo, podem ter o termo *todos* (no plural) usado deles, como é feito de várias coisas quando se faz referência a elas como partes. Por exemplo, diz-se "todo este número", e "todas estas unidades", e "toda esta água", quando o todo foi indicado, e "todas estas águas" quando as partes foram indicadas.

1109. Não é qualquer quantidade (522).

Aqui ele esclarece a questão sobre o oposto de "todo", que é *mutilado*, em lugar do qual outra tradução lê "diminuído (ou reduzido) por um membro"; mas isso nem sempre se ajusta. Pois o termo *mutilado* é usado apenas de animais, que são os únicos que têm membros. Ora, *mutilado* parece significar "cortado", e assim Boécio o traduziu como "mancado", isto é, "defeituoso". Por isso o objetivo do Filósofo aqui é mostrar o que é exigido para que uma coisa possa ser dita mutilada: e primeiro, o que é exigido do lado do todo; e segundo (1117), o que é exigido do lado da parte que está faltando ("Além disso, nem").

1110. Ora, para que um todo possa ser dito mutilado, sete coisas são exigidas.

Primeiro, o todo deve ser um ser quantificado que tenha partes nas quais possa ser quantitativamente dividido. Pois um todo universal não pode ser dito mutilado se uma de suas espécies é removida.

1111. Segundo, nem todo tipo de ser quantificado pode ser dito mutilado, mas deve ser um que é "divisível em partes", isto é, capaz de ser separado, e ser "um todo", isto é, algo composto de partes diferentes. Por isso as partes últimas em que qualquer todo é dividido, como carne e tendão, embora tenham quantidade, não podem ser ditas mutiladas.

1112. Terceiro, (~) duas coisas não são mutiladas, isto é, qualquer coisa que tenha duas partes, se uma delas é retirada da outra. E isso é verdadeiro porque uma "parte mutilada", isto é, o que quer que seja retirado da coisa mutilada, nunca é igual ao resto, mas o resto deve ser sempre maior.

1113. Quarto, nenhum (~) número pode ser mutilado, não importa quantas partes tenha, porque a substância da coisa mutilada permanece depois que a parte é retirada. Por exemplo, quando um cálice é mutilado, ele ainda permanece um cálice; mas um número não permanece o mesmo, não importa qual parte dele seja retirada. Pois quando uma unidade é acrescentada a um número ou subtraída dele, isso muda a espécie do número.

1114. Quinto, a coisa mutilada deve ter partes dessemelhantes. Pois aquelas coisas que têm partes semelhantes não podem ser ditas mutiladas, porque a natureza do todo permanece verificada em cada parte. Por isso, se alguma das partes é retirada, as outras não são ditas mutiladas. Nem todas

as coisas que têm partes dessemelhantes, no entanto, podem ser ditas mutiladas; pois um número não pode, como foi dito, embora em certo sentido tenha partes dessemelhantes; por exemplo, o número doze tem o número dois e o número três como partes. No entanto, em certo sentido, todo número tem partes semelhantes, porque todo número é constituído de unidades.

1115. Sexto, nenhuma daquelas coisas (~) em que a posição das partes não faz diferença pode ser dita mutilada, por exemplo, a água ou o fogo. Pois as coisas mutiladas devem ser tais que a estrutura inteligível de sua substância contenha a noção de uma disposição determinada de partes, como no caso de um homem ou de uma casa.

1116. Sétimo, as coisas mutiladas devem ser contínuas. Pois uma harmonia musical não pode ser dita mutilada quando uma nota ou um acorde é retirado, mesmo que seja composta de sons graves e agudos, e mesmo que suas partes tenham uma posição determinada; não é qualquer disposição de sons graves e agudos que constitui tal harmonia.

1117. Além disso, nem (523).

Em seguida, ele indica as condições que devem prevalecer com relação à parte cortada para que uma coisa seja mutilada; e há três delas. Diz que, assim como nem todo tipo de todo pode ser dito mutilado, do mesmo modo não pode haver mutilação pela remoção de toda parte. Pois, primeiro, a parte que é removida não deve ser uma (~) parte principal da substância, isto é, uma que constitui a substância da coisa e sem a qual a substância não pode ser, porque a coisa mutilada deve permanecer quando uma parte é removida, como foi dito acima (1113). Por isso um homem não pode ser dito mutilado quando sua cabeça foi cortada.

1118. Segundo, a parte removida não deve estar em toda parte, mas em algum extremo. Assim, se um cálice é perfurado no meio pela remoção de alguma parte, não pode ser dito mutilado; mas isso é dito se alguém remove "a asa de um cálice", isto é, uma parte que é semelhante a uma asa, ou qualquer outro extremo. De modo semelhante, um homem não é dito mutilado se perde um pouco de sua carne da perna, do braço ou da cintura, ou se perde o baço ou uma parte dele, mas se perde um de seus extremos, como uma mão ou um pé.

1118a. Terceiro, uma coisa não é dita mutilada se apenas qualquer parte que é um extremo é removida, mas se é tal parte que não se regenera quando toda ela é removida, como uma mão ou um pé. Mas se uma cabeleira inteira é cortada, ela cresce de novo. Assim, se tais partes são removidas, o homem não é dito mutilado, mesmo que sejam extremos. E por essa razão as pessoas de cabeça raspada não são ditas mutiladas.